



Infografia jornalística: uma revisão bibliográfica necessária

Ricardo Jorge de Lucena Lucas

Universidade Federal do Ceará (professor)

Universidade Federal de Pernambuco (doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM)

ricardo.jorge@gmail.com

Resumo:

o presente artigo propõe uma análise comparativa das diferentes acepções do termo “infografia” a partir de alguns dos textos mais referenciados e citados na bibliografia sobre o assunto. Com isso, pretende-se demarcar os possíveis distintos quadros teóricos onde o conceito está presente, a fim de estabelecer futuros critérios que permitam uma melhor definição da expressão “infografia” em termos semióticos e textuais.

Palavras-chave:

infografia; conceito; bibliografia especializada

Contextualizando

A primeira década do século XXI assiste ao nascimento de novos objetos de estudos (ciberjornalismo, jornalismo móvel, TV digital). No meio disso tudo, está a infografia jornalística, discutida nos Estados Unidos e Espanha desde os anos 1990 e no Brasil nos últimos cinco anos, aproximadamente. Obviamente, a emergência de novos objetos de análise promove a necessidade de ajustes conceituais nas mais diversas áreas.

No caso da infografia jornalística, objeto de nosso interesse, há alguns aspectos não tão bem definidos. Muitas vezes há a ausência de discussão sobre se ela é um gênero ou um subgênero (do ponto de vista textual), se é uma linguagem ou apenas um recurso visual (do ponto de vista semiótico), mas apenas uma definição já estabelecida. A nosso ver, isso é, até certo ponto, decorrente da ausência de uma resposta definitiva (ainda que, na verdade, provisória e precária): como se define conceitualmente uma infografia jornalística? Ela se diferencia semioticamente de outras modalidades de visualização da informação (gráficos estatísticos, tabelas, mapas e organogramas) ou não? Tentamos aqui organizar um pouco o conceito de infografia, confrontando os modos como os autores de língua norte-americana, espanhola e brasileira tendem a perceber a infografia.

A denominação precisa do termo, em termos semióticos, é relevante pelo que ela contempla, ou seja, a constituição do objeto infográfico, mas também por permitir uma melhor compreensão da infografia como gênero textual. Se, como defende Lia Seixas, “aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir gêneros jornalísticos” (2009: 1), e se a infografia for um gênero, como ensinar algo ainda não definido nos



cursos de Jornalismo? Obviamente este espaço está longe de propor uma solução, mas pelo menos tentamos estabelecer um ponto de partida lógico.

O trajeto da infografia como um conceito no campo do jornalismo contemporâneo é ainda errático, e não parece tão diferente do percurso da constituição do campo das teorias da Comunicação, por exemplo. Martino (2007: 18-9), em discussão sobre o assunto, lembra que o que tem dado visibilidade e forma às teorias da Comunicação não é a sua produção, mas a sistematização da apresentação de um conjunto de teorias que tem caracterizado o campo em obras escritas pelos “teorógrafos” (autores que apresentam, organizam e sistematizam as teorias de um dado domínio de estudo). Em suma: as teorias existem porque existem livros que falam delas de modo sistemático, ainda que a) em bases distintas, b) algumas delas sejam “inconciliáveis” (conforme Martino) e c) muitas delas nem sejam, na origem, teorias da Comunicação (como os estudos das Escolas de Frankfurt e Chicago, por exemplo). Entre os problemas apontados por Martino estão as ausências de uma teoria comum a todas as obras e de uma definição de teoria; o pouco cuidado ou mesmo a ausência de uma definição do conceito de comunicação; e a ausência de critérios explícitos para justificar a seleção das teorias apresentadas (MARTINO, 2007: 20-1).

Alguns dos problemas encontrados por Martino em relação às teorias da Comunicação em certa medida se assemelham aos problemas encontrados em uma revisão bibliográfica sobre a infografia. O principal deles, para nós, é a ausência de uma definição precisa do que seja uma infografia (jornalística ou não); ora, apesar dessa ausência, o objeto continua existindo, ainda que não se saiba muito bem o que ele compreende, logicamente falando, e o que fica excluído dessa concepção conceitual. Ou seja: a infografia é um objeto muito discutido, mas ainda debilmente definido. Contribui para isso o fato de que muitos autores *falam sobre infografias*, mas nem todos *demonstram visualmente o que é uma infografia*, pois admitem em geral que ela é a união entre texto e imagem. Isso leva a um problema paradoxal: abordar uma linguagem que na verdade é *sincrética* (pois mobiliza vários códigos semióticos simultaneamente) e tida como “visual”, mas sem fazer uso do recurso visual para explicá-la, esquecendo-se que sempre há algo, na esfera do visual, que escapa ao âmbito do verbal. Consequentemente, somos obrigados a considerar o que o autor conceitua como infografia a partir dos exemplos que ilustram o texto em questão.

texto + imagem = info + grafia = infografia

Um problema inicial

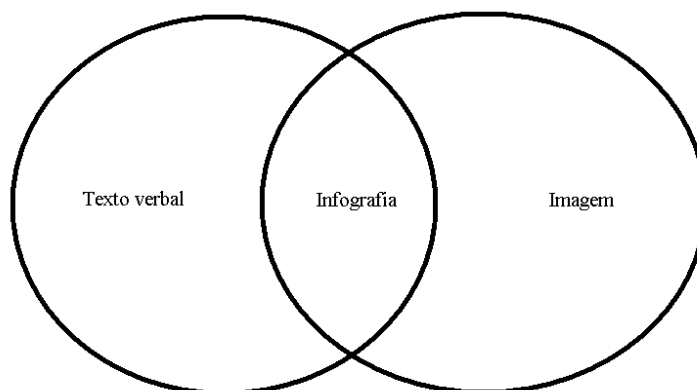
Como dissemos, tende-se a considerar a infografia como a junção entre texto e imagem; um exemplo é a definição de Juan Manuel de Pablos, de que ela é a “apresentação impressa de um binômio imagem + texto (bi + T), qualquer que seja o suporte no qual se apresente essa união informativa: tela eletrônica, papel, plástico, barro, pergaminho, papiro, pedra”¹ (1999: 19). Em alguns casos, há uma espécie de

¹ “La infografía es la presentación impresa de un binomio imagen + texto (bi + T), cualquiera que sea el soporte donde se presente esa unión informativa: pantalla, papel, plástico, barro, pergamino, papiro, piedra”.

“cristalização, inversão e subversão” dessa fórmula, como ocorre com a pesquisadora portuguesa Susana Almeida Ribeiro (2008: 19), que propõe outra fórmula, derivada da proposta por de Pablos:

onde info (de “informação”) se relaciona ao texto e grafia se relaciona ao desenho. Isso leva a uma falsa percepção da noção de infografia: a de que só existe “informação” (info) no texto verbal e que o desenho é responsável exclusivamente pela grafia, o que reforça (acidentalmente ou não) a noção de que apenas o texto verbal informa².

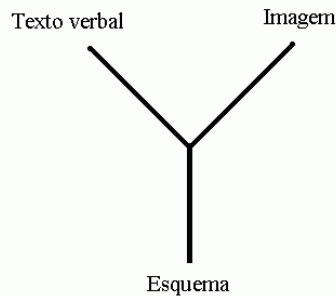
Nem todos os autores pensam nessa relação texto + imagem. O pesquisador francês Jean-Marie Chappé considera a infografia um terceiro “modo de escrita” (moyen d’écriture), contraposta tanto ao texto quanto à fotografia ou à ilustração (2005: 21). Em nenhum momento de sua obra ele fala que a infografia seja o resultado dessa soma, mas ressalta, em várias passagens, o caráter “gráfico” (no sentido de “esquemático”, ainda que ele não use esse termo) fundamental da infografia (se ela deverá ser uma tabela, um gráfico, um mapa etc.). Mesmo assim, tende a haver a cristalização da ideia de que a infografia seja a junção entre texto e imagem; assim, dentro da linha de raciocínio sugerida por de Pablos, supostamente teríamos o seguinte esquema:



Pelo esquema, temos dois conjuntos: o das possibilidades de textos verbais (TV) e o das possibilidades de imagens (I), sendo a intersecção de ambos o subconjunto das possíveis infografias (INF) daí resultantes (ou: $TV \cap I = \{INF / INF \in TV \text{ e } INF \in I\}$). Porém, ele é genérico e impreciso, pois serve para ilustrar outros tipos de linguagens baseadas na inter-relação entre texto verbal e imagem³ (cinema, teatro, histórias em quadrinhos). Essa imprecisão sobre as linguagens constituintes de uma infografia atrapalha na sua percepção conceitual. Por isso, concordamos com Cairo (2008: 21-2): o que deixa o conceito de infografia mais preciso é seu caráter esquemático, espacial. Consideramos as infografias impressas como um tipo de texto que se baseia na *articulação esquemática* de seus elementos, um tipo de produção que articula, de modo específico e espacial, textos verbais, imagens de diversas naturezas e elementos visuais (números, setas, fios etc.) que permitam a constituição de uma relação entre as partes inter-relacionadas (sequencialidade, causa e efeito etc.). Ou seja,

² Esse equívoco da autora é apontado também por Cairo (2008: 31).

³ Além de outros códigos, vale lembrar, como os corporais, gestuais, orais, cromáticos e outros.



A adoção e a extensão do termo

A expressão “infografia” é recente no nosso vocabulário. Não se sabe ao certo quem usou a expressão pela primeira vez, nem quando. No âmbito do jornalismo, considera-se que o termo se refira ao modo visual de apresentação de um conjunto de informações. A palavra seria um neologismo que tende a significar “gráfico de informação”, gerado a partir da contração dos termos da expressão *information graphics*, a qual expande o sentido do termo *graphics*. Assim,

graphics → *information graphics* → *infographics* → *infográfico* → *infografia*

Percebe-se uma perda lógica nessa “gradação lexical”: passa-se do substantivo “gráfico” para “gráfico de informação” (no inglês), depois para “infográfico” e, finalmente, deste para “infografia” (em línguas espanhola e portuguesa). Além disso, há quem considere o termo “infográfico” como possível substantivo (equivalente ao substantivo “gráfico”), ou como possível adjetivo⁴. Aqui, o prefixo *info-* se refere à “informação”, mas o sufixo *-grafia* remete à “escrita”, e não mais ao substantivo (ou adjetivo) “gráfico”. A expressão *infographics* (tanto substantivo quanto adjetivo) deve ter surgido nos Estados Unidos ou a partir da expressão *information graphics* (*información gráfica*) em espanhol. Nas bibliografias de Valero Sancho (2001: 223-31) e de Pablos (1999: 231-8) há referências à obra *Newspaper Techniques*⁵, cujos textos até 1988 falam em *information graphics*, enquanto os volumes de 1989 já se referem a *infographics*. Assim, a princípio, o termo “infografia” parece se difundir entre 1988 e 1989, conforme diz Josep María Serra em palestra de 1992.

Não está estabelecido em qual momento se começa a conhecer este novo gênero informativo como “infografismo”, nem quem é o autor do batismo. Não encontrei nenhuma referência a este termo antes de 1988. Seguramente a coincidência com a informatização foi o que provocou aquilo que muitas vezes se interpretou como grafismo informático, no lugar da

⁴ Assim como ocorre em “fotográfico”, “sismográfico”, “tomográfico” e outros termos afins. Ressalte-se, porém, que a palavra “gráfico”, em inglês, espanhol ou português, permite o seu uso tanto como substantivo (em diferentes acepções, em alguns casos) quanto como adjetivo, o que parece contribuir enormemente para a confusão em torno do termo “infografia”. Ver exemplo em Valero Sancho (2001: 110).

⁵ *Newspaper Techniques* era uma publicação da então IFRA, ou INCA-FIEJ Research Association, criada em 1961 como uma associação de jornais de Bélgica, Alemanha e Reino Unido. A associação, com sede em Darmstadt, Alemanha, foi criada visando estimular o uso de cores nos jornais. Em 2009, a IFRA se associou à WAN (World Association of Newspapers), dando origem à WAN-IFRA.



expressão, no meu entender mais correta, de grafismo informativo⁶ (SERRA, 1998).

Uma das menções mais antigas que encontramos em nossa bibliografia foi de 1991. Josep Maria Casasús e Luis Núñez Ladevéze, ao discutirem sobre a função da fotografia na evolução da imprensa, encerram sua exposição com a seguinte passagem:

Uma característica do jornalismo de hoje e do imediato futuro é, precisamente, a aparição na imprensa da infografia como um novo gênero jornalístico formado pela convergência de soluções fotográficas, informáticas, de design e de conteúdo, que dão como resultado uma mensagem informativa mais clara, mais amena, mais rápida, mais bonita, mais objetiva, e inclusive mais exata e mais completa, e, certamente, mais eficaz⁷ (CASASÚS & LADEVÉZE, 1991: 33).

Porém, no mesmo ano, Juan Costa e Abraham Moles lançam na Espanha uma coletânea de artigos teóricos, com outros autores (Yves Deforge, Daniel Feschotte, Jacques Bertin, Sylvie Rimbart, Luc Janiszewski) sobre imagens cartográficas, esquemáticas, escolares e similares, cuja designação geral é “imagem didática”, a qual permite a autoaprendizagem e possibilita a visualização de “fenômenos, dados, estruturas, magnitudes, metamorfoses e outros aspectos do universo que não são nem tão evidentes nem diretamente acessíveis ao conhecimento”⁸ (COSTA in COSTA & MOLES, 1991: 43). Nessa obra, o jornalismo não tem as infografias como linguagem específica ou gênero, mas apenas faz uso de imagens didáticas que permitam melhor conhecimento sobre o que é mostrado e descrito. O termo “infografia” não é usado.

Porém, na França, a expressão infographie está dicionarizada desde os anos 1970, sendo considerada uma palavra-valise (mot-valise) surgida a partir dos termos informatique e graphique. A palavra infographie teria sido criada em fins dos anos 1960 por Jean Mourier, ex-CEO da empresa francesa Benson para designar a imagem numérica, gerada por computador (SEGURA, s.d.). Muitas vezes, para se referir precisamente à infografia jornalística, é usada a expressão infographie de presse, enquanto para as infografias em geral usa-se a expressão graphisme de l’information. Ou seja: ao menos na França, em sua origem, infografia se refere às imagens de síntese (o que não confere maior precisão ao termo também naquele país). Pelo exposto, tendemos a crer que a expressão “infografia” tenha se disseminado (ao menos em

⁶ “No está establecido en qué momento se empieza a conocer a este nuevo género informativo como ‘infografismo’ ni quién es el autor del bautismo. No he encontrado ninguna referencia a este término anterior a 1988. Seguramente la coincidencia con la informatización es lo que ha provocado que muchas veces se interpretara como grafismo informático en lugar de la, a mi entender, más correcta de grafismo informativo”

⁷ “Una característica del periodismo de hoy y del inmediato futuro es, precisamente, la aparición en la prensa del infográfico como un nuevo género periodístico formado por la convergencia de soluciones fotográficas, informáticas, de diseño y de contenido, que dan como resultado un mensaje informativo más claro, más ameno, más rápido, más bello, más objetivo, e incluso más exacto y más completo, y, por supuesto, más eficaz”.

⁸ “Fenómenos, datos, estructuras, magnitudes, metamorfosis y otros aspectos del universo que no son ni tan evidentes ni directamente accesibles ao conocimiento”.



língua espanhola) por volta de 1991, apesar de ter surgido virtualmente entre os anos de 1987 e 1988. Por um lado, vários autores (DE PABLOS, VALERO SANCHO) fazem menção ao termo “infografia” como “imagem de síntese” e questionam o uso do prefixo info- atrelado à expressão “informática”; de outro lado (e mais curioso), nenhum dos autores pesquisados faz menção ao fato de o termo já existir na França desde os anos 1970.

Porém, nem todos os autores fazem uso da expressão *information graphics* (e, conseqüentemente, do termo *infographics*). A tabela a seguir mostra, por exemplo, os termos geralmente utilizados pelos autores (norte-americanos, em sua maioria) em suas obras (em inglês)⁹.

Autor	Denominações usadas
Nigel Holmes (1984, 1993, 2005)¹⁰ (D, J)¹¹	<i>representação gráfica, diagrama</i>
Edward Tufte (1998) (VI)	<i>visualização da informação</i>
Richard Saul Wurman (1989, 2001) (VI)	<i>arquitetura da informação</i>
Kevin Barnhurst (1998, 1999) (J)	<i>quadros gráficos, infographics</i>
Robert L. Harris (1998) (VI)	<i>information graphics (gráficos, mapas, tabelas, diagramas)</i>
Daryl Moen (1984, 1995) (D, J)	<i>information graphics</i>
Mario García (1993) (D, J)	<i>information graphics</i>
Jennifer George-Palilonis (2006) (J)	<i>information graphics (gráficos, mapas, tabelas, diagramas) e graphics reporting (reportagem gráfica)</i>

A tabela seguinte mostra a extensão conceitual do conceito para cada autor.

⁹ Ressalte-se que não tivemos acesso, infelizmente e até o momento, às obras de James Glen Stovall e Eric Meyer, que explicitam já – ou no mínimo – em seus títulos o termo *infographics*, bem como aos livros *Newspaper Graphics*, de Peter Sullivan, já esgotado (de 1987), e *Newspaper Designer’s Handbook*, de Tim Harrower.

¹⁰ Os números entre parênteses referem-se às datas de publicação das obras, que estão citadas na bibliografia.

¹¹ As letras em maiúsculas designam a área do autor ou a ênfase em que ele dá em sua obra; assim, a letra “D” designa que o autor é da área do design; “J”, da área do jornalismo; e as letras “VI” indicam “visualização da informação”.



<i>Autor</i>	<i>Extensão conceitual das denominações usadas</i>
Nigel Holmes	<i>gráficos, mapas e diagramas ≠ infografias</i>
Edward Tufte	<i>gráficos, mapas e diagramas = imagens de informação</i>
Richard Saul Wurman	<i>mapas, gráficos, tabelas = visualização da informação</i>
Kevin Barnhurst	<i>mapas, instruções gráficas \subset arquitetura da informação¹²</i>
Robert L. Harris	<i>gráficos e diagramas = infográficos</i>
Daryl R. Moen	<i>mapas, gráficos, tabelas, diagramas = gráficos de informação</i>
Mario García	<i>mapas, gráficos, tabelas, diagramas ≠ diagramas</i>
Jennifer George-Palilonis	<i>mapas, gráficos, tabelas, diagramas = gráficos de informação</i>
	<i>mapas, gráficos, tabelas, diagramas = gráficos de informação</i>
	<i>mapas, gráficos, tabelas, diagramas < texto verbal¹³</i>
	<i>mapas, gráficos, tabelas, diagramas jornalísticos = reportagem gráfica</i>
	<i>gráficos diagramáticos ≈ infografia¹⁴</i>
	<i>mapas, gráficos, tabelas, diagramas jornalísticos = ou > texto verbal</i>

Percebe-se que a bibliografia em língua inglesa consultada tende a considerar toda a produção esquemática (mapas, gráficos, tabelas, diagramas) como fazendo parte de um mesmo grupo, sejam os elementos desse conjunto chamados de “infografia” ou não. Aqui, não há distinção entre o que é e o que não é especificamente a infografia, mas a percepção de que esses elementos pertencem a um único e mesmo universo (em geral, o do design jornalístico). Ao deixar de lado o estabelecimento de fronteiras que possam fazer essa distinção, fica claro que o interesse maior é nas possibilidades visuais de representação dos fatos e dados, e no domínio dessas linguagens por parte do profissional (repórter gráfico).

Uma das conseqüências (ou, talvez, uma das causas) disso é a ausência de discussão sobre o fato de a infografia ser um gênero ou não, uma vez que o mais comum é ela ser vista como um código ou uma linguagem visual. Além disso, apesar das constantes revisões conceituais sobre o assunto “gênero jornalístico”, ainda parece predominar na visão norte-americana o dualismo “informação x opinião”. Tendo em vista que os gráficos estão no âmbito da informação (e não da opinião), parece lógico aceitar que eles pertencem ao universo do jornalismo informativo (na ótica norte-americana)¹⁵. Vejamos agora como alguns autores de língua espanhola se referem às infografias e o que o termo compreende.

¹² O símbolo \subset indica aqui o seu sentido lógico-matemático: “está contido em”.

¹³ Os símbolos < e > indicam aqui, respectivamente, que as infografias ou têm valor complementar em relação ao texto escrito ou têm autonomia em relação ao mesmo.

¹⁴ O símbolo \approx indica aqui “equivalência”; no quadro acima, significa que o que a autora chama de “gráfico diagramático” equivale em nossa visão ao que se percebe como sendo infografia.

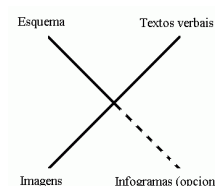
¹⁵ Um exemplo disso parece ser justamente o que Edward Tufte (ainda que não seja jornalista, e sim estatístico) designa como *chartjunk* (ou “lixo gráfico”), dando como exemplo um gráfico feito por Nigel Holmes. Fica visível aqui o gráfico de Holmes não contém apenas informação, mas também algum tipo de poluição ou de desvio de foco visual em relação à informação central, o que parece ser condenável

<i>Autor</i>	<i>Denominações usadas</i>
Raymond Colle (1998) (D, J)	<i>infógrafo, infográfico</i>
Juan Manuel de Pablos (1999) (J)	<i>Infografia, info¹⁶</i>
José Luis Valero Sancho (2001) (J)	<i>Infografia</i>
Alberto Cairo (2008) (VI, J)	<i>infografia, infográfico</i>
Gonzalo Peltzer (1992) (J)	<i>infográfico ou infograma</i>
Carlos Abreu Sojo (2002) (J)	<i>Infografia</i>
Elio Leturia (1998) (J)	<i>Infográfico</i>
Josep Maria Serra (1998) (J)	<i>Infográfico</i>

Ressaltamos algumas particularidades: Colle (1998), por exemplo, designa o termo “infografia” para a disciplina de desenho gráfico voltada para a produção de unidades informativas verbo-icônicas chamadas “preferencialmente” (expressão do próprio autor) de “infógrafos”, ainda que, segundo ele, se imponha melhor o termo “infográficos”. Assim, tanto o título de seu texto quanto a classificação proposta por Colle se baseiam na expressão “infógrafo”: “mapas carto-infógrafos”, “infógrafo iluminista”. Cairo, ao dizer que a visualização da informação descreve a atividade de produzir infografias (2008: 21), justifica isso pelo fato dessa expressão ser mais precisa e ter mais tradição teórica sólida (2008: 28). E Peltzer usa o termo “infograma” como equivalente a “infografia” (1992: 130), enquanto Valero Sancho usa “infograma” para designar as unidades elementares de informação gráfica, não autônomas (gráficos, mapas), que complementam a informação (2001: 109), que também podem ser chamadas em inglês de inserts ou insets (Harris, 1999: 198)¹⁷. De qualquer modo, percebe-se uma quase que total adesão ao termo “infografia” e suas variações não só entre os espanhóis, mas também entre alguns autores latino-americanos (Leturia, Sojo).

na visão de Tufte; afinal, está se tratando, como designa a expressão, de desenho ou visualização da informação. Na obra de Holmes (1984), há outros exemplos que deixam clara a possibilidade de um gráfico informativo assumir também um caráter opinativo.

¹⁶ Onde “info”, abreviação, está para “infografia” assim como “foto” está para “fotografia” (DE PABLOS, 1999: 229).



¹⁷ Sendo assim, o esquema mais ideal para definir uma infografia seria esse: onde esquema, textos verbais e imagens tendem a ser necessários e os infogramas tendem a ser opcionais.



A seguir, o quadro sobre a extensão conceitual das denominações usadas pelos autores de língua espanhola.

<i>Autor</i>	<i>Extensão conceitual das denominações usadas</i>
Raymond Colle	<i>mapas, gráficos, tabelas ≠ infógrafos; infógrafo < texto verbal</i>
Juan Manuel de Pablos	<i>texto + imagem = infografia; gráficos, tabelas, mapas ≠ infografias; diagramas jornalísticos = infografias</i>
Jose Luis Valero Sancho	<i>mapas, gráficos, diagramas = infografia</i>
Alberto Cairo	<i>infografia = representação diagramática de dados</i>
Gonzalo Peltzer	<i>gráficos, tabelas, mapas ≠ infografia</i>
Carlos Abreu Sojo	<i>gráficos, tabelas, mapas = infografia</i>
Elio Leturia	<i>categorias de gráficos, mapas, tabelas e diagramas = infografia</i>
Josep María Serra	<i>mapas, gráficos = infografia</i>

Percebe-se que a noção de infografia como um conceito amplo apresenta restrições na visão de Colle, de Pablos e Peltzer, enquanto os demais autores tendem a considerar as diversas manifestações esquemático-visuais como pertencentes ao campo da infografia. Nada disso, porém, impede o uso, por parte dos autores, do termo “infografia” ou de suas variações. Isso parece ser decorrência do fato de que a discussão sobre gêneros jornalísticos é historicamente sólida em língua espanhola, tanto que em obra de López Hidalgo (2009) escrita em 2002, o autor já tratava a infografia como um gênero jornalístico complementar¹⁸. Ao ser considerada um gênero jornalístico (ainda que complementar), aqui a infografia atinge um outro parâmetro: não é mais somente recurso de linguagem, mas sim um tipo de texto com características próprias. Diferente da visão americana, onde predomina o caráter do design, aqui a ênfase é no caráter jornalístico da infografia, percebida como gênero.

Devemos destacar ainda a proposta das pesquisadoras argentinas Letícia Borrás e Maria Aurélia Caritá (2000) que, na busca de novas categorias teóricas para as infografias como estrutura narrativa, sugere três conceitos, dando outra perspectiva ao conceito. Eis a proposta das autoras resumida no quadro que se segue.

<i>Categoria</i>	<i>Descrição</i>
Infototal	<i>responde a todas às perguntas básicas do jornalismo e é totalmente narrativa</i>
Inforrelato	<i>é parcial ou escassamente informativa, conforme a quantidade de perguntas básicas que responda, e é seminarrativa</i>
Infopincel	<i>mostra como é um objeto e é descritiva</i>

¹⁸ Gênero jornalístico complementar, na visão de López Hidalgo, é todo tipo de texto (verbal, visual) que está subordinado tematicamente a um texto jornalístico principal, ainda que dotado de autonomia em termos de sua estrutura interna (LÓPEZ HIDALGO, 2009: 43-6).



Ou seja: aqui, a infografia já não é mais um elemento uno, caracterizável apenas semioticamente por seus elementos gráfico-visuais, mas também pela sua ênfase total ou parcial em relação às clássicas perguntas do jornalismo. Além disso, toca num aspecto geralmente negligenciado nos estudos sobre a infografia, que é o caráter do seu tipo textual (descritivo, narrativo, seminarrativo), apesar da maior parte dos autores se referirem ao aspecto supostamente apenas narrativo da infografia¹⁹. Vejamos agora a bibliografia em língua portuguesa²⁰: tomando quatro autoras (uma portuguesa e três brasileiras), todas utilizam o termo “infografia”, mas apenas duas delas (Teixeira e Ribas) questionam o alcance conceitual dessa expressão.

Autor	Extensão conceitual das denominações usadas
Susana Almeida Ribeiro (2008) (J)	<i>infografia = diagramas, instruções gráficas infografia = texto + imagem</i>
Irene Machado (2003) (GJ)²¹	<i>infografia = mapas e gráficos diagramáticos e explicativos</i>
Beatriz Ribas (2005)	<i>infografia ≠ mapas, gráficos infografia → infodiagrama ou diagrama informativo</i>
Tattiana Teixeira (GJ)	<i>infografia ≠ mapas, gráficos e tabelas infografia = texto + imagem</i>

Irene Machado (2003) enfoca a infografia como uma expansão gráfico-semiótica do jornalismo. Tattiana Teixeira (2008) faz considerações a partir da ótica de Adelmo Genro Filho, que considera o jornalismo uma forma de conhecimento cristalizada no singular, o que a leva a diferenciar entre infografias enciclopédicas (com explicações de caráter mais universal) e jornalísticas (singularizadas); de modo similar, Susana Almeida Ribeiro (2008: 38-40) tende a enfatizar que a infografia se presta melhor aos fatos ditos breaking news. E, finalmente, Beatriz Ribas (2005) sugere que a expressão “infografia” seja substituída por “diagrama”, donde teríamos, no âmbito do Jornalismo, “infodiagrama” ou “diagrama informativo” (“apesar da redundância”, pondera cautelosamente a autora).

Percebe-se junto às autoras brasileiras, em particular, certo incômodo, resultante da falta de uma melhor definição de conceito e de gênero para a infografia. Assim, temos na bibliografia brasileira um maior questionamento da infografia, tentando ir além dos problemas colocados pela ótica americana (vistos

¹⁹ Ainda que o *slogan* clássico dos defensores da infografia diga justamente o contrário (*show, don't tell*), autores como Tattiana Teixeira (2008: 163) atribuem à infografia um caráter narrativo. Apesar de essa discussão não caber aqui, deixamos claro nossa discordância em relação a essa afirmação, uma vez que é também comum o uso de tipos textuais descritivos nas infografias.

²⁰ Cumpre lembrar que não tivemos acesso, até o momento deste trabalho, à dissertação de mestrado de Ary Moraes, “Infografia – o design da notícia”, de 1998, provavelmente o primeiro trabalho brasileiro sistematizado sobre o assunto e, ao que parece, mais voltado para a questão do design jornalístico.

²¹ As letras “GJ” indicam, aqui, “Gênero Jornalístico”.



majoritariamente sob o prisma do design) e se alinhando, de certo modo, a alguns preceitos lembrados pela ótica espanhola (sob o prisma do gênero jornalístico). Por outro lado, Machado avança na fórmula “infografia = texto + imagem” ao afirmar que a infografia envolve competências que estão além de uma leitura seqüencial, típica da leitura alfabética, e mais próximas do raciocínio lógico que também está na base das operações estéticas realizadas pelos diferentes ramos profissionais que a executam (MACHADO, 2003: 109-11. Grifo nosso).

Ou seja: o que está em jogo aqui não é tanto (ou melhor dizendo: apenas) o caráter visual, mas também (e principalmente) o caráter lógico, esquemático, diagramático.

Considerações finais

Pudemos perceber que a maior parte da discussão em torno da infografia (quando esse termo é aceito), na bibliografia em língua inglesa, tem como ponto de partida o próprio campo do jornalismo (Moen, García, George-Palilonis), com o predomínio de uma visão instrumental da linguagem (ou seja, a infografia vista como um recurso melhor do que o texto verbal escrito). Situação bastante distinta da que ocorre em língua espanhola, onde o ponto de partida tende a ser, muitas vezes, a discussão dos gêneros jornalísticos (Sojo, de Pablos, Valero Sancho) ou sobre aspectos ligados aos estudos da linguagem (Peltzer; Borrás & Caritá); finalmente, na parte da bibliografia brasileira que consultamos, o foco é mais diversificado: ora uma ênfase nas teorias do Jornalismo e nas discussões sobre o gênero jornalístico (Teixeira), ora a visão de um novo gênero intersemiótico (Machado), tendo apenas Beatriz Ribas iniciado uma discussão mais focada especificamente no sentido do termo e em sua significação.

Até certo ponto, isso parece também reflexo das distintas realidades profissionais de cada país. Nos Estados Unidos, não há exigência do diploma de Jornalismo, com as redações apresentando, em seus quadros, profissionais de várias formações; na Espanha, por outro lado, há uma forte tradição nos estudos voltados para a questão dos gêneros jornalísticos; no Brasil, a recente suspensão do diploma, a nosso ver, ainda não modificou sensivelmente o universo profissional, apesar das constantes reclamações de que os cursos de Jornalismo brasileiros “pecam” pelo excesso de teoria e pela pouca prática permitida a seus alunos. Assim, essas distintas realidades teóricas, acadêmicas e profissionais ajudam a explicar parte dos diferentes modos de percepção da infografia. A nosso ver, esse é um dos problemas encontrados em nossa análise: a diversidade de quadros teóricos nos quais a infografia se insere. Assim, o pesquisador deve ter o cuidado de preparar um “chão teórico” a fim de estabelecer as bases e critérios de análise das infografias jornalísticas.

Com base na revisão bibliográfica por nós aqui efetuada, há duas grandes possibilidades de se perceber a infografia, uma mais ampla:

e outra

infografia = mapas, gráficos, tabelas, diagramas, instruções gráficas
infografia = diagrama jornalístico

No momento, não nos cabe ainda dizer qual das duas tendências é a mais correta. O mais importante aqui, e um dos nossos objetivos iniciais, é demarcar a



existência desses dois grandes modos de percepção do objeto. A partir dessa percepção, acreditamos que seja não só possível definir um estatuto semiótico pertinente para a infografia, mas também, a partir dessa definição, levar em consideração os aspectos ligados à tipologia textual (descrição, narração, injunção). Ou o contrário: definir semioticamente a infografia a partir de suas possibilidades textuais. De qualquer modo, acreditamos (e esperamos) que este trabalho possa servir para uma discussão mais aprofundada a respeito da infografia, com a mobilização de outros quadros teóricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNHURST, Kevin G. (1998): "Are Graphic Designers Killing Newspapers?". In: Revista Latina de Comunicación Social, n. 5, 5 de maio de 1998 (<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/97kevin1.1.htm>). Acesso em 20 de julho de 2010.

BARNHURST, Kevin. "Los Cuadros Gráficos". In: Revista Latina de Comunicación Social, n. 16. Tenerife, 16 de abril de 1999 (<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/1999iab/111kevin.htm>). Acesso em 20 de julho de 2010.

BORRÁS, Leticia & CARITÁ, María Aurelia. "Infototal, inforrelato e infopincel - nuevas categorías que caracterizan la infografía como estructura informativa". In: Revista Latina de Comunicación Social, número 35, noviembre de 2000 [extra "La comunicación social en Argentina"], La Laguna: Tenerife (<http://www.ull.es/publicaciones/latina/argentina2000/17borras.htm>). Acesso em 12 de julio de 2010.

CAIRO, Alberto. Infografia 2.0 – visualización interactiva de información en prensa. Madrid: Alamut, 2008.

CASASÚS, Josep Maria & LADEVÉZE, Luis Núñez. Estilo y Géneros Periodísticos. Barcelona: Editorial Ariel, 1991.

CHAPPÉ, Jean-Marie. L'Infographie de Presse. 2a. ed., Paris: Victoires Editions, 2005.

COSTA, Joan & MOLES, Abraham (org.). Imagen Didáctica. Barcelona: CEAC, 1991.

DE PABLOS, José Manuel. Infoperiodismo. El Periodista como Creador de Infografía. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.

GARCIA, Mario R. Contemporary Newspaper Design - a structural approach. 3rd ed., New Jersey: Prentice-Hall, 1993.

GEORGE-PALILONIS, Jennifer. A Practical Guide to Graphics Reporting - information graphics for print, web & broadcast. Burlington: Elsevier/Focal Press, 2006.

HOLMES, Nigel. Designer's Guide to Creating Charts & Diagrams. New York: Watson-Guptill, 1984.



HOLMES, Nigel. *Lo Mejor en la Gráfica Diagramática. Mies: Rotovision, 1993.*

HOLMES, Nigel. *Wordless Diagrams. Nova York: Bloomsbury, 2005.*

LETURIA, Elio. “¿Qué es Infografía?”. In: *Revista Latina de Comunicación Social, n. 4. Tenerife, abril de 1998* (<http://www.ull.es/publicaciones/latina/z8/r4el.htm>). Acesso em 07 de março de 2007.

LÓPEZ HIDALGO, Antonio. *Géneros Periodísticos Complementarios – uma aproximación crítica a los formatos del periodismo visual. México: Alfaomega, 2009.*

MACHADO, Irene. “*Infojornalismo: uma mídia expandida*”. In: *Revista Fronteiras - estudos midiáticos. Vol. V, n. 1, São Leopoldo, junho de 2003, pp. 97-111.*

MARTINO, Luiz Carlos (org.). *Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007.*

MOEN, Daryl R. *Newspaper Layout & Design. 3rd ed., Iowa: Iowa State University Press, 1995.*

PELTZER, Gonzalo. *Jornalismo Iconográfico. Lisboa: Planeta, 1991.*

RIBAS, Beatriz. “*Ser Infográfico – apropriações e limites do conceito de infografia no campo do jornalismo*”. Florianópolis, III ENPJ, 2005 (http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/iiisbpjour2005_-_cc_-_tattiana_teixeira_-_beatriz_ribas.pdf). Acesso em 27 de maio de 2010.

RIBEIRO, Susana Almeida. *Infografia de Imprensa – história e análise ibérica comparada. Coimbra: Minerva, 2008.*

SEGURA, Jean. *Histoire de l'Image Numérique -: depuis l'ère des pionniers jusqu'à la maturation industrielle. Paris: s.d.* (<http://www.jeansegura.fr/imagenum.html>). Acesso em 27 de julho de 2010.

SEIXAS, Lia. *Redefinindo os Gêneros Jornalísticos – proposta de novos critérios de classificação. Covilhã, Labcom Books, 2009* (<http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/seixas-classificacao-2009.pdf>). Acesso em 12 de novembro de 2009.

SOJO, Carlos Abreu. “*¿Es la infografía un género periodístico?*”. In: *Revista Latina de Comunicación Social, n. 51, junho-setembro de 2002. Tenerife* (<http://www.ull.es/publicaciones/latina/2002abreujunio5101.htm>). Acesso em 13 de setembro de 2007.



TEIXEIRA, Tattiana. "Que Beleza! O Infográfico e o Jornalismo Informativo". In: FELIPPI, Ângela, SOSTER, Demétrio de Azeredo & PICCININ, Fabiana. Edição de Imagens em Jornalismo. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008, pp. 162-83.

TUFTE, Edward. The Visual Display of Quantitative Information. 6th printing, Cheshire, Graphic Press, 1998a.

TUFTE, Edward. Envisioning Information. 6th printing, Cheshire, Graphic Press, 1998b.

VALERO SANCHO, José Luis. La Infografía - técnicas, análisis y usos periodísticos. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.

WURMAN, Richard Saul. Ansiedade de Informação - como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

WURMAN, Richard Saul. Ansiedade de Informação 2 - um guia para quem comunica e dá instruções. São Paulo: Editora de Cultura, 2005.



Red de Historia de los Medios

<http://www.rehime.com.ar>

<http://www.youtube.com/rehimeargentina>